BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

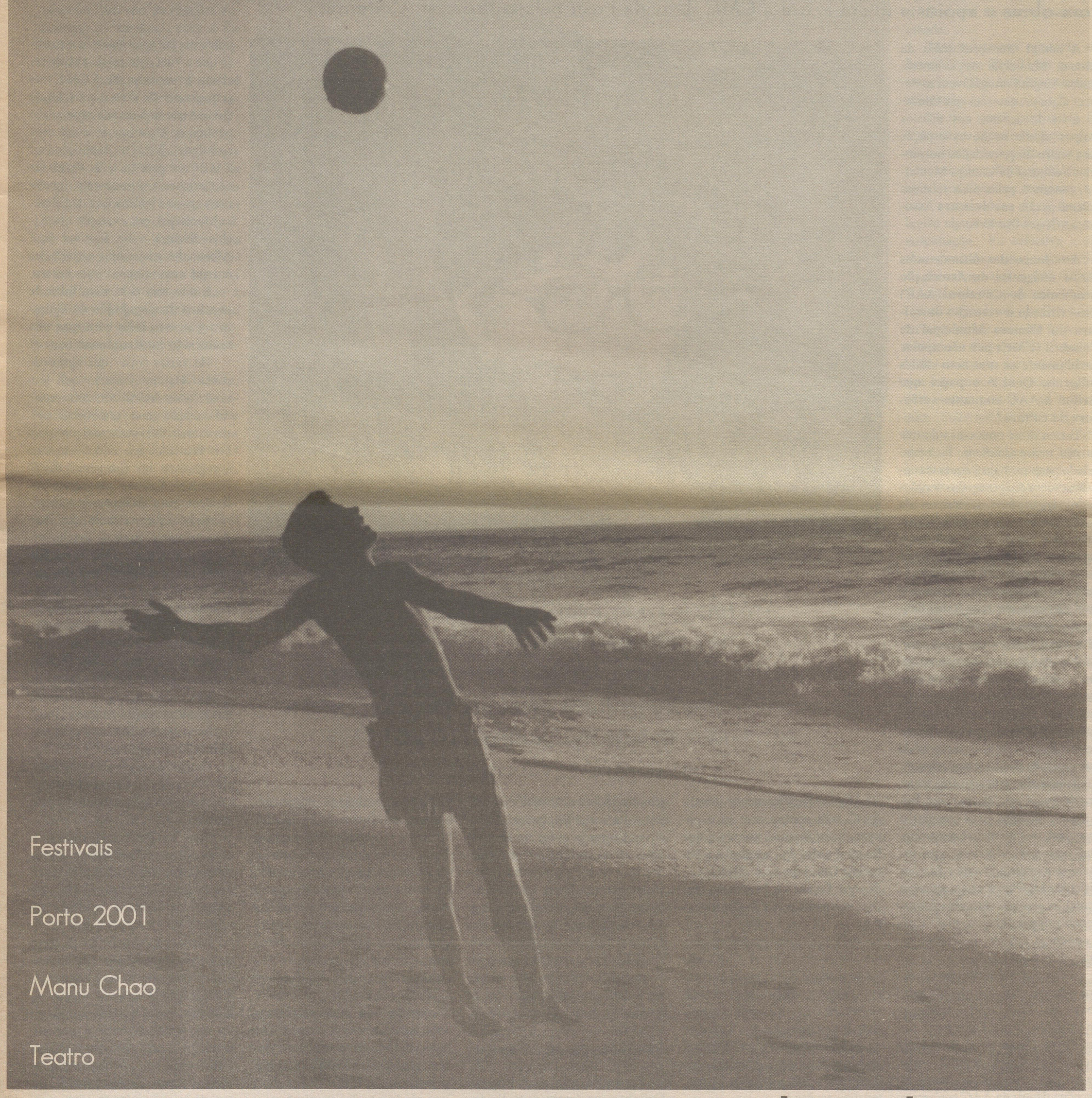
A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

Nº70 24 de Julho de 2001 Quinzenal Director: Bruno Ferreira Director Adjunto: Sérgio Alves
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Distribuição Gratuita

DOM Pires

eduardo Brito



Festivais

Porto 2001

Manu Chao

Teatro

a banhos ...

Teresa Portugal fala sobre política cultural

As coisas levam um tempo a

Teresa Alegre Portugal, responsável pelo Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, responde a algumas das acusações que têm sido feitas relativamente à política do actual executivo camarário, e responde com obras e apoios a quem acusa a CMC de nada fazer pela cultura em Coimbra.

A actual vice–presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Teresa Alegre Portugal, vem esclarecer algumas questões que têm sido alvo de debates nos últimos tempos: desde os novos espaços para teatro às prioridades no programa cultural da Câmara Municipal, passando pelas mais recentes polémicas que envolveram a Associação Cívica Pro Urbe.



Teresa Alegre Portugal, também é responsável pelo Centro de Informação Autárquica ao Consumidor

Ao longo dos últimos anos vários dirigentes da Associação Académica de Coimbra (AAC) têm criticado a vereação da cultura da Câmara Municipal de Coimbra (CMC) por não apoiar devidamente as suas actividades culturais. Qual é o papel que atribui à AAC enquanto vereadora da cultura?

Está a dizer uma coisa de que eu não tenho sintomas. Eu tenho zelado para que haja frequentes encontros com dirigentes das secções e dos organismos autónomos da AAC. Vamo–nos encontrando para saber das nossas vidas mútuas e para que cada um possa estar ao lado do outro quando é necessário. O apoio ao associativismo cultural é uma das componentes fortes dentro da política cultural da Câmara Municipal de Coimbra.

Mas as Câmaras funcionam como a vida, por ciclos. Neste momento a CMC tem uma situação financeira muito saudável e disponível, que é fruto de um trabalho de gestão. Esta situação é diferente da que vivemos do início dos anos 90. Tínhamos uma situação financeira gravíssima e não havia, com frequência, dinheiro para comprar o essencial, quanto mais o acessório. Daí que nos primeiros anos da maioria socialista, tivemos grandes dificuldades. Não é esta a situação actual: o apoio à vida associativa, genericamente falando, tem vindo a crescer e, nas circunstâncias actuais, é de 80 mil contos.

A Câmara Municipal de Coimbra tem sido um dos grandes parceiros da Associação Académica de Coimbra. O que é preciso é que nos façam chegar os projectos em tempo útil. Esses pedidos serão apreciados e apoiados - todas as Secções dentro da AAC conhecem isso. Por exemplo no ano 2000, no âmbito da Universidade de Coimbra foram atribuídos, para além de outros apoios, para cima de 15 mil contos.

> Há prioridades,
> e é preciso que a vida cultural da cidade
> reclame novos espaços

> Não a reconheço legitimidade para criticar a pessoas
> que,estando aqui,pouco ou nada
> participam na vida cultural

Mais especificamente para a AAC, sem contar com os organismos autónomos, quanto é que foi atribuído? Por exemplo, a Direcção Geral da AAC (DG/AAC) diz que foram atribuídos às secções culturais cerca de 2 mil contos...

A DG/AAC está a referir–se a um único projecto. A CMC não apoia as associações genericamente falando, apoia projectos. O que aconteceu é que foi agora formalizado um acordo que é o seguinte: na área da cultura o que a CMC vai apoiar é um único projecto, que englobará então os vários projectos das secções.

Quando, no ano anterior, a AAC propôs esta modalidade, tinham sido já atribuídos apoios a algumas secções. As pessoas ainda não tinham recebido o dinheiro, mas havia já um acordo, e eu não iria voltar atrás. Nas circunstâncias em que o projecto foi apresentado e no tempo em que foi apresentado, foi esta a disponibilidade que se encontrou. Agora a DG/AAC tornou claro que deseja que as coisas se organizem de outra maneira e vamos fazê–lo de outra maneira em 2001. Eu não sei se isso vai ser bom para as secções, mas eu não me quero imiscuir na vida da AAC.

Infraestruturas culturais

Porque é que só existe em Coimbra um teatro com dimensão suficiente para acolher espectáculos de média e grande dimensão, o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV)?

Vamos então falar dos projectos de equipamento. Neste momento a Câmara Municipal de Coimbra procede à recuperação do Pátio de Inquisição, que irá ter um Teatro Municipal, e que acolherá a Companhia de Teatro Escola da Noite. Neste momento está em apreciação o concurso para execução da obra, que irá muito brevemente ser adjudicada. O novo Teatro Municipal estará concluído no final do ano de 2002.

Sendo que está prevista a criação deste espaço, quais têm sido, então, os obstáculos que têm obrigado a existir esta dependência do TAGV? Porque é que ainda não foi possível construir uma outra sala de espectáculos?

Sabe que estas coisas levam tempo. É preciso haver consciência que nós estamos a gerir dinheiros públicos. Há prioridades e é preciso que a vida cultural da cidade reclame novos espaços. A CMC tem apoiado o TAGV na convicção de que ele não tinha ainda esgotado o público de Coimbra. E isto é uma realidade. Veja a ocupação do TAGV e repare quantas vezes ele não enche. Curiosamente, enche mais com as realizações da Câmara Municipal, por exemplo nos Ciclos de Jazz e no Festival José Afonso. Mas há outras actividades em que nem sempre isso acontece.

Então tem sido uma falta de procura da população de Coimbra que tem feito com que não tenha sido construído um teatro?

Há várias coisas que temos de somar. Há um projecto que tem vindo a ser trabalhado com muita dificuldade, mas que neste momento tem todas as condições para ser ultimado, que é o Centro de Congressos do Convento de S. Francisco. Este terá um espaço polivalente para 1500 pessoas que será também direccionado para esse tipo de espectáculos.

E o teatro a construir na Estação Nova também será um outro Teatro Municipal em alternativa ao que irá existir no Pátio da Inquisição?

O teatro do Pátio da Inquisição surge dirigido ao acolhimento da Escola da Noite. O Ministério da Cultura patrocinará este teatro, há um acordo tripartido entre a CMC, o Ministério da Cultura e o Ministério do Planeamento.

O novo espaço na Estação Nova será um espaço municipal também dirigido essencialmente para o teatro.

Tem havido relativamente a esse espaço várias críticas vindas de arquitectos, e não só. Como é que é possível transformar esse espaço de modo a acolher um teatro?

Ainda não existe um projecto de Teatro, existe é um estudo com vista à execução de um projecto de recuperação de todo o espaço ribeirinho, que prevê o tratamento do teatro. Não conheço críticas, conheço é apenas uma opinião transmitida por um avalizado arquitecto, o arquitecto Mendes Ribeiro, que fez já algumas considerações sobre como devia ser trabalhado esse mesmo projecto.

Vários destes projectos têm vindo já a ser falados há alguns anos. O facto de estarmos em Ju-

Teatro

Teatros do Outro
(Fevereiro; Maio; Junho; Julho; Agosto; Setembro)

Ciclo que engloba seis espectáculos criados de raiz, em encenação e em textos originais, e uma reposição. O objectivo deste ciclo é proporcionar a comunidades que habitualmente não coabitam com o mundo do teatro, a possibilidade de trabalhar com profissionais desta área cultural e participar não só nas etapas anteriores, como na criação, interpretação, realização e concretização de um espectáculo de teatro. "Porque, para além de todos os outros, insubmissos, domesticados ou mortos que em nós acalentamos, existem terceiros e quartos, esses de quem não reza a História, privados de grande parte dos espaços públicos e, sobretudo, excluídos do debate sobre formas de representação da sua memória."
Regina Guimarães

Animação da Cidade

O Sol e a Lua
27, 28 e 29 de Julho - Largo dos Grilos - 22h00

Espectáculo etnográfico e teatral sobre o tema "Tradições Populares do Porto". A sua reconstituição far-se-á num cenário natural, na taberna ou no palco, através das danças, músicas, cantares, contos, adivinhas, jogos, festas e muitas mais representações vivas da nossa cultura popular e tradicional do princípio do século XX.

Les Cousins - C'est Pas Dommage
14, 15 e 16 de Setembro - Teatro Helena Sá e Costa

" ... Rene´, Julot e Lolo, eles executam todas as proezas, mas isso é quase secundário. O que conta, é o seu trio, as suas pequenas histórias, as suas pequenas personagens. E não são grandes heróis, mas sim gente fraca como todos nós." Com os Les Cousins, estamos em pleno teatro popular, como imaginamos nos sonhos. Com eles, o teatro não é mais aquela arte literária e sapiente, reservada a uma elite. Eles encontraram naturalmente todas as fontes lúdicas originais da farsa teatral, formidáveis palhaços sem narizes vermelhos, eles tornam-nos felizes.

Paisagem Azul Com Automóveis - Ponti/Porto 2001
13 a 30 de Setembro - Teatro Nacional S. João de João Paulo Seara Cardoso

O Teatro de Marionetas do Porto dá mais um passo na pesquisa de linguagens contemporâneas, tão cara a João Paulo Seara Cardoso.

Música

Maceo Parker
4 de Agosto - Palácio de Cristal

Regresso do saxofonista americano no festival Jazz 2001

Homenagem a Louis Armstrong
18 de Agosto

Dança

Festival Internacional de Solos de Dança/Teatro de Estugarda
27 e 28 de Julho - Teatro Helena Sá e Costa - 21h30

Um espectáculo com os vencedores das edições de 2000 e de 2001 do Festival internacional de Solos de Dança-Teatro de Estugarda. Um Concurso para Jovens Bailarinos e Coreógrafos, dedicado à criação contemporânea. Este espectáculo servirá de apresentação em Portugal do Festival de Estugarda, e preparará o caminho para a eventual realização da edição de Outono deste Festival em Portugal pela primeira vez, em 2002 - a edição de Primavera faz-se todos os anos na Alemanha desde 1997.

Artes Plásticas/Arquitectura

Ocupações/Squatters
23 de Junho a 30 de Setembro

A exposição Squatters,/,Ocupações reúne projectos de 43 jovens artistas, cada um deles "ocupando" diversos espaços na cidade, entre eles a Casa de Serralves, onde ficarão instaladas 16 obras.

Esta exposição resulta de uma co-produção entre a Fundação de Serralves, a Sociedade Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura e o Centro de Arte Contemporânea Witte de With, em Roterdão. Nesta cidade, será apresentado um projecto congénere, mas não idêntico. Os mesmos artistas propõem projectos de natureza diferente nas duas cidades. Noutros casos, haverá artistas que apenas serão apresentados no Porto ou em Roterdão. No âmbito desta iniciativa, serão ocupados, no Porto, espaços de grande circulação pública, tais como os CTT, o Palácio da Justiça ou a Lavandaria de S. Nicolau, locais de entretenimento como os Bilhares do Café Avis e lugares de utilização particular como é o caso dos ateliers da Lada. Todos eles, converter-se-ão em espaços transformados na sua funcionalidade convencional. Já na Casa de Serralves, o que está em causa nas obras a apresentar é o confronto com a memória do passado. Por toda a cidade, locais ou edifícios com uma vida própria surgem assim modificados e recontextualizados, numa relação metafórica de apropriação e transformação da realidade que se afasta da literalidade da tradição do "squatting", ou seja, da mera ocupação dos espaços, tal como eles existem e em função de uma finalidade específica. Nestas "Ocupações", há obras pensadas e criadas especificamente para o lugar/edifício escolhido, enquanto outras foram recontextualizadas.

Artes Plásticas/Arquitectura

Amadeo Souza-Cardoso / Pet Mondrian
28 de Junho a 30 de Setembro - Museu de Arte Contemporânea de Serralves

Exposição que reúne as pinturas de paisagens realizadas por dois artistas maiores do contex to modernista do início do século XX, como ponto de partida para as suas pesquisas sobre os limites da Arte.
Horário: das 10h às 19h
5ª feira até às 22h
Encerra à 2ª feira
Aos Domingos entre as 10h e as 14h a entrada é gratuita.

Som e Cor
13 de Julho a 2 de Setembro - Casa do Infante

Um projecto de fotografia e música dos artistas João Menéres e Maria de Lurdes Alves que contempla a realização de vinte concertos.
Horário: 3ª a 6ª feira: 10 h - 12h / 14h - 18h; Fim de semana:
15h - 19h.

Ângelo de Sousa: Fotografia e Cinema
6 de Julho a 7 de Outubro - Museu de Arte Contemporânea de Serralves

Esta exposição reúne pela primeira vez o conjunto de trabalhos experimentais desenvolvidos por Ângelo de Sousa nas áreas da fotografia e do cinema.

Fischli & Weiss: "Mundo Visível"
6 de Julho a 7 de Outubro - Museu de Arte Contemporânea de Serralves

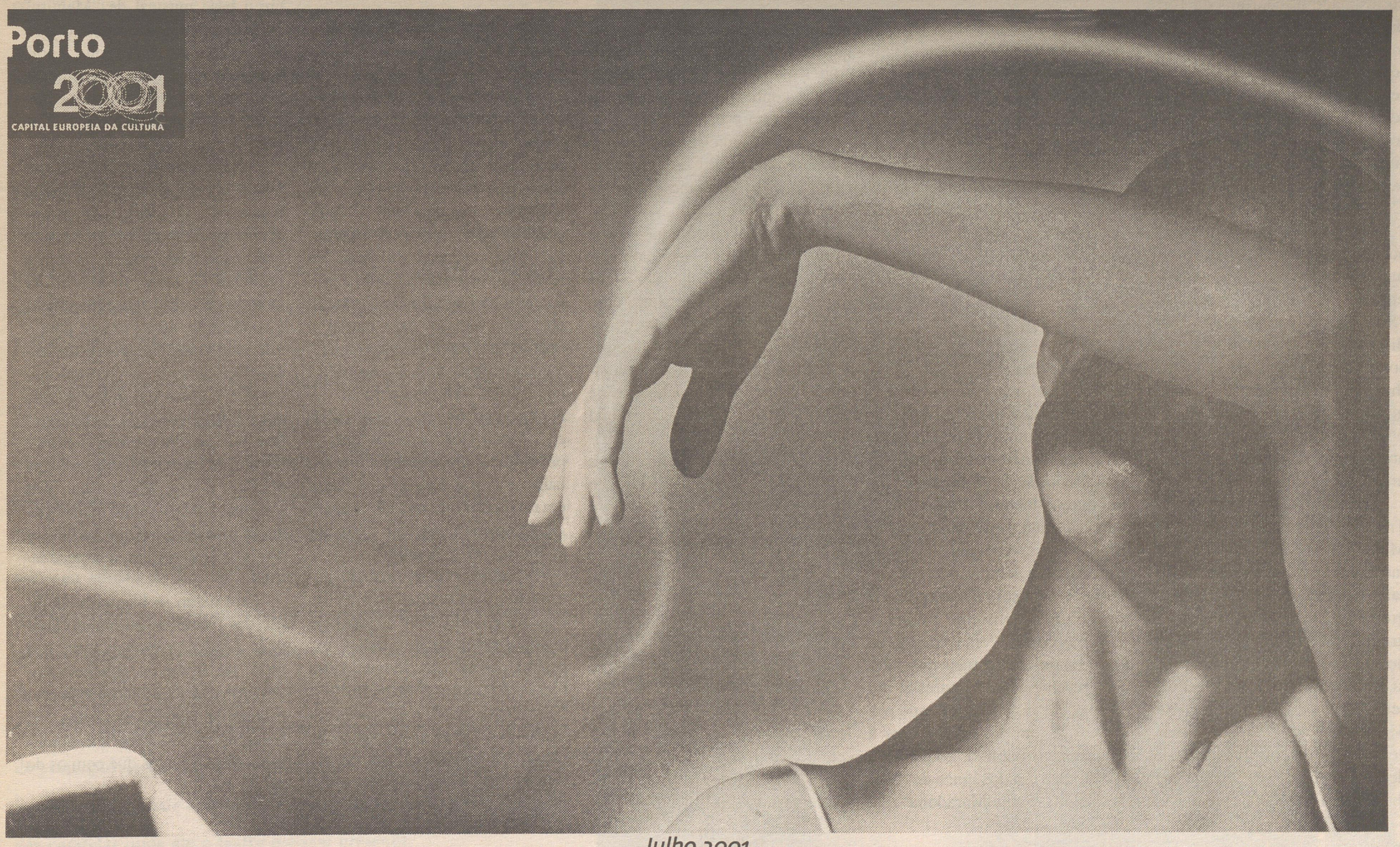
Exposição de uma dupla de artistas suíços que, através da fotografia, da escultura e do vídeo, trabalham a questão da realidade e da sua representação/simulação na arte contemporânea.

Situações/Citações
14 de Julho a 23 de Setembro - Galeria do Palácio

Com o intuito de dar uma visibilidade acrescida à notável actividade das galerias da cidade, Eduardo Paz Barroso comissaria uma exposição que irá seleccionar peças significativas de grande parte do tecido galerístico portuense.

Roni Horn
14 de Julho a 14 de Outubro - Local: Museu de Arte Contemporânea de Serralves

Exposição de uma artista norte-americana que reside na Islândia, cuja obra incide sobre a paisagem enquanto revelação de um espaço interior, um lugar mental reconstruído através dos ecos íntimos do mundo exterior.



Manu Chao partilha as suas ideias sobre a sua música e sobre o mundo

Um clandestino com "esperanza"

Transformado em ícone musical dos movimentos contra a globalização, Manu Chao afirma não ter na manga a solução para as injustiças do mundo. Nascido em Paris há 40 anos e a residir um pouco por todo o mundo, Manu Chao é hoje um mito. Mas de onde vem o brilho nos olhos deste senhor com cara de "niño"?

"A revolução verdadeira deve começar dentro de cada um". O grito de revolta foi já dado em Génova, onde Manu Chao actuou perante as 100 mil pessoas que se concentraram na cidade que acolheu a reunião dos líderes dos oito países mais industializados, um mês e meio depois de ter brindado a Torre de Belém com um fulminante concerto de duas horas e meia na apresentação do novo disco de originais "Proxima Estación Esperanza", no seu primeiro concerto a solo em Portugal.

Depois de quase dez anos nos Mano Negra e do êxito mundial de "Clandestino", o disco de estreia a solo, Manu Chao está menos político e mais festivo no disco recém-lançado "Proxima Estación Esperanza". A razão desta mudança de atitude reside no facto de "a política e a rebeldia serem um instrumento de marketing muito utilizado. A rebeldia vende muito e agora que sou um artista famoso tenho que ter cuidado com isso", afirma Manu Chao horas antes de subir ao palco instalado nos Jardins da Torre de Belém em Lisboa. "Não quero vender discos com as minhas ideias políticas", Manu Chao pretende dissociar a música e os ideiais, porém o certo é que se tornou num herói na América Latina e numa referência para a juventude esquerdista europeia. Com milhões de cópias vendidas " Clandestino" lançou-o para o sucesso, Manu Chao tornou–se numa estrela. Não se pense no entanto que isso o incomoda- "Sou um artista e quanto mais discos vender e quanto mais pessoas gostarem do que faço melhor. Se um velhinho de 80 anos gosta da minha música é uma honra, se uma criança de seis anos gosta da minha música é uma honra ainda maior".

Sorridente e afável, Oscar Tramón (nome de baptismo de Manu Chao) viajou pelo mundo inteiro: da América do Sul às Caraíbas passando pela África magrebina. Já em 1993 os Mano Negra tinham feita a famosa viagem do comboio do fogo e do gelo pela América Latina, uma aventura relatada por Ramón Chao, pai de Manu e jornalista da Radio France Inernational, no livro "un tren de fuego e hielo". "Viajar é a melhor escola de vida", sugere. Mas não se trata de fazer turismo, antes, é uma forma de conhecer e aprender com a vida real das pessoa humildes cuja esperança é crua e por vezes cruel,-"na América do Sul ou em África se nos levantarmos de manhã e não tivermos esperança estamos tramados". Trata–se de uma esperança quotidiana, a esperança de acordar e encontrar comida para a família.



Manu Chao: música sem fronteiras

Música de todas as cores

A música de Manu Chao é difícil de catalogar. Nos seus discos encontramos as mais variadas influências, fruto das viagens e dos encontros e desencontros nos vários continentes. A matriz é latina, mas o "feeling" é mais jamaicano. A alma é por vezes magrebina, de resto o pequeno clandestino enverga sempre nos concertos uma camisola da selecção de futebol da Argélia com o número dois nas costas, "era a camisa de um grande amigo meu que faleceu recentemente" confessa um adepto do "desporto rei" que nos concertos tem por hábito jogar à bola com o público, enquanto a banda toca um dos hinos dos Mano Negra, "Santa Maradona".

Contudo, a mescla de sons não é feita aleatoriamente, há limites para a mestiçagem. O limite é o conhecimento que se tem de um povo e do significado da música, "é preciso entender a música para a utilizar", para tal há que viver o tempo suficiente num país para captar o sentido. Daí que Manu Chao nunca tenha feito uma música inspirada nos sons portugueses, há dez anos que não vinha cá (na altura com os Mano Negra com um dos concertos em Coimbra na Queima das Fitas de 1990), e só se lembrava do país nos seus tempos de criança quando visitava Portugal com os seus pais.

Ao vivo a música é outra: a latinidade acústica dá lugar ao punk rock com pitadas de ska e reggae numa fusão explosiva devidamente acompanhada pela banda suporte, a Rádio Bemba, um grupo que se desfaz de dois em dois meses "para não criar rotinas". A Radio Bemba é mais que uma banda, é um projecto de rádio pirata de Antonio Chao, irmão de Manu e ex-Mano Negra, que percorre os bairros de Paris a emitir nas frequências clandestinas a música "ilegal" e a mensagem "clandestina".

"Poucas razões para ser optimista"

"Esperanza", a estação de metro de Madrid que deu o nome ao último disco, é uma metáfora da postura de alguém que apesar de achar não haver razões para ser optimista, considera que "a única gasolina para viver é ter esperança". Mas esperança em quê? Na revolução mundial? Quanto a isso o cantor não tem ilusões: "não tenho uma solução para mudar o mundo, estoy perdido en el siglo" remata ao fazer uma alusão à letra da música "Desaparecido". "A mudança no mundo é muito difícil". Manu Chao acredita que só pode mudar a sua família e o seu bairro e critica aqueles que falam em revolução mas quando chegam a casa batem na mulher - "conheço muitas pessoas assim".

A lucidez é o maior instrumento para manter viva a chama. No entanto, "ser lúcido hoje em dia é cruel, poque o mundo está uma merda". As desigualdades crescentes entre o primeiro e o "Terceiro mundo" e os problemas ambientais existem, na óptica de Chao, porque quem manda no mundo "não sabe onde está o volante e o travão e apenas se guia pelo lucro fácil e imediato". Foi contra os oito líderes do mundo que Manu Chao tocou no passado fim de semana em Génova, uma acção de luta vista pelo autor, de "Proxima Estación Esperanza como uma oportunidade única para o movimento antiglobalização, uma vez que a próxima reunião da Organização Mundial do Comércio vai ser no Quatar.

Perante a situação generalizada de descrença na política, o campo está aberto a políticos populistas como Vicente Fox, o novo presidente do México que prometeu resolver o problema de Chiapas. Mas Manu não acredita em Fox, "o nome diz tudo", a "raposa". Oscar Tramón acusa o presidente mexicano de querer vender a terra de Chiapas (zona rica em minerais e madeiras) às empresas multinacionais, para tal a paz com o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) liderado pelo subcomandante Marcos é fundamental para alcançar a estabilidade. Marcos é uma das maiores referências, nos concertos ouve–se um discurso do líder do EZLN sobre a base musical de "Mentira" perante o gáudio da assistência. Não quer isto dizer que apoie qualquer movimento gerrilheiro, pelo contrário, organizações como o Sendero Luminoso ou a ETA não lhe merecem simpatia.

" Não compreendo a ETA, eles fazem o jogo do Partido Popular Espanhol". O músico de ascendência basca sustenta que quanto mais assassinatos há, mais tem a ganhar o Governo de Madrid. O método de acção dos separatistas é condenado, uma vez que para o músico a violência quando utilizada gratuitamente é contraproducente e " matar um pobre guarda que cumpre ordens de superiores e luta para sustentar a sua família é injusto". Quanto à independência do País Basco, Manu Chao não tem uma posição muito clara, "pode ser uma solução, mas há bascos que não querem ser independentes".

Para quem se bate pela abolição das fronteiras no mundo criar mais uma não parece uma boa ideia. As fronteiras desunem povos que têm identidades comuns, o exemplo dado é o da Galiza: "os portugueses do Minho têm mais a ver com os galegos que com os do sul do país".

José Carlos Santos

A febre dos festivais



Depois de afluências desoladoras a festivais que prometiam muito e renderam pouco, como o T99 ou Arcos de Valdevez 2000, muitos davam como certo o retrocesso na expansão festivaleira que assola Portugal desde 1997, mas a realidade contraria as perspectivas e, mesmo com as digressões a passarem neste canto da peninsula ibérica durante todo o ano, o verão continua a ser o cenário para a proliferação de festivais de música.

Depois de um Super Bock Super Rock, que agora assume o protagonismo no mês de Março, dos Cosmopolis e LX Cool em Lisboa e dos vários eventos com a marca Porto 2001, o Cellos Rock mexeu com Barcelos, Santa Maria da Feira investiu em peso no Rock Feira, na Praia do Meco as novas tendências da música de dança deixaram a imprensa deslumbrada e Vilar de Mouros voltou a marcar a sua posição com um cartaz muito forte que trouxe, inclusivamente, um mito que havia marcado presença no primeiro Woodstock: Neil Young.

2001 fica também marcado pelo primeiro festival de verão dividido por quatro noites ao longo de um mês. O "Marés Vivas" é organizado pela Câmara Municipal de Gaia, que programou os Sábados de Julho na Praia Fluvial do Areínho, em Oliveira do Douro, com concertos de Jon Spencer Blues Explosion, Yo La Tengo, Fun Lovin' Criminals, Xutos e Pontapés, The Gift e Cousteau. A entrada é livre e ainda estamos a tempo de ver, dia 28, a enchente ao som dos Guano Apes.

Bem perto do Cartaxo, em Valada, decorreu, de 20 a 22 de Julho, a segunda edição do Festival Tejo, com três palcos que ilustravam o que de melhor se vai fazendo na música nacional e onde todos os visitantes foram convidados a começar o dia com jogos tradicionais e desportos radicais e a passar os últimos momentos na tenda Chill Out. As artes plásticas também marcaram presença, acompanhadas de projecção de vídeos e sons electrónicos na Expobíblia. Este revelou–se um dos mais atractivos festivais no que concerne a actividades paralelas onde até o teatro marcou presença.

Festivais

Carviçais Rock (9,10 e 11 de Agosto - Carviçais)

O Rock & o Vinho

Há seis anos que o interior transmontano tem assistido ao crescimento deste festival que, na sua edição de 2001, vai contar com as actuações de, entre outros, Young Gods, Cousteau, Mão Morta, the Gift e Napalm Death, seguidas da actuação de DJ's.

E porque a música não é tudo, também estão previstas outras actividades, nomeadamente teatro, desportos radicais, gastronomia e, imagine–se, prova de vinhos (ora aqui está algo de original condenado ao sucesso!).

Os preços: 2500$00 por um dia ou 4000$00 para o passe geral.

Informações: http://www.carvicais.sbc.pt



Paredes de Coura (16, 17 e 18 de Agosto)

A malta curte bué Papa Roach e 3 Doors Down!

Era uma vez um Festival num local paradisíaco, co
maravilhoso que sempre primou por organizar concert
arrojados e inovadores, ora da música nacional, ora e
Dell'Arte, Mão Morta, Primitive Reason, Belle Chase
ma, Cosmic City Blues, Smoke City, Gomez, Anne Cla
Tindersticks, Divine Comedy, Flaming Lips, Mr Bun
Suede, dEUS e Atari Teenage Riot são apenas alguns d

A história começou a descambar com os Guano Apes
Papa Roach, Stone Temple Pilots, Queens of The Stone
Backyard Babes, 3 Doors Down, entre outros... O que v
necessidade de encher o recinto com actuações que po
pouco de novo mas garantem, à partida, uma óptima af

Estiveram agendados para este festival os islandeses
a organização temeu uma reacção hostil dos fans de ba
das" perante o concerto deste projecto interessantíssim
cancelar a actuação.

No entanto, esperam–se alguns concertos bem inter
tudo os Stone Temple Pilots, Morcheeba e as bandas nac
Wray Gunn ou Coldfinger) e tardes muito bem passadas
va junto à praia fluvial do Rio Tabuão. Esperam–se tam
assistência, muitos candidatos ao ensino superior... co
reacções hostis, sobretudo se as guitarras não soarem be

Quanto a preços, os bilhetes custam entre 5.000$0
7.500$ para os três dias.

Informações: http://www.paredesdecoura.com

Monção Rock (12 de Agosto)

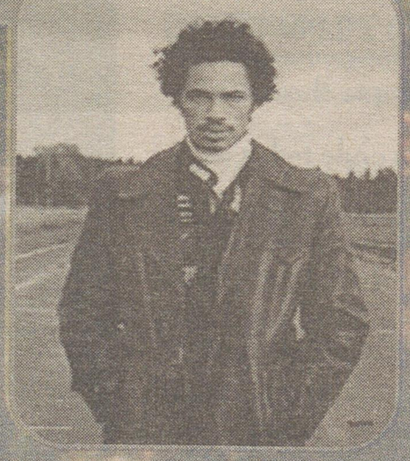
O Irmão da Neneh Cherry e os Portugas

É mais um festival no Verão nacional, que no passado ano de 2000 contou com os Clawfinger como cabeças de cartaz, e que este ano promete encher o recinto ao som de Eagle Eye Cherry, que será precedido pelos Buena, Zen e Blind Zero e seguido de DJ's.

A terceira edição do "Monção Rock", organizado pelas associações juvenis do concelho com o apoio da autarquia monçanense, decorre no dia 12 de Agosto, domingo (Dia Internacional da Juventude), no anfiteatro do Souto.

Preço: 1000$00

Informações: http://www.cm–moncao.pt/breves.htm



de Verão

Sudoeste (3, 4 e 5 de Agosto - Zambujeira do Mar)

O pó e a praia (a uns quilómetros...)

Desde 1997 a marcar um lugar de destaque no panorama dos festivais nacionais, a Herdade da Casa Branca no sudoeste alentejano tem recebido grandes nomes da música internacional como Suede, Blur, Portishead, Sonic Youth, Jon Spencer Blues Explosion, Stereolab, Massive Attack, Beck e Morcheeba, e desde cedo se cotou como um dos principais pólos de atracção de romarias festivas no Verão nacional. Atingindo um estatuto internacional (é o único festival português mencionado no site do New Musical Express), o Sudoeste parece crescer de ano para ano e nesta edição de 2001 continua a saber conjugar nomes de sucesso praticamente garantido como Placebo, UB40 e Sepultura, com os praticamente desconhecidos (mas surpreendentes) Zero 7 e Flaming Lips, moderando o caldeirão musical com nomes de culto como PJ Harvey, Stereo MC's, Goldfrapp, Ash ou Divine Comedy. O palco secundário que este ano assume a designação de "Blitz/Sic Radical", continua a apresentar as principais revelações e a tenda de dança (no dia 2 a partir das 22h e nos restantes dias do festival entre as 15h e as 4h) volta a merecer destaque.

Mas a grande mais–valia deste ano vai para o novo palco Planeta Sudoeste, destinado à divulgação da "World Music", onde se poderão assistir a prestações dos reputados Khaled, Cheikh Lo, Geoffrey Oryema e, sobretudo, Natacha Atlas.

O sinal menos desta edição vai para a fraca presença nacional no palco principal, onde apenas se pode encontrar Jorge Palma.

Quanto aos bilhetes, 7.500$00 para os três dias ou 5.000$00 para uma noite são as bases que podem ter desconto de 500$00 para os portadores de Cartão Jovem.

Informações: 800 201771 ou www.musicanocoracao.pt, www.cerveja–sagres.pt



n um anfiteatro
s com projectos
trangeiros. Pop
lotel, Jorge Pal-
x, Rollins Band,
le, Walkabouts,
s exemplos.
e este ano temos
ge, Morcheeba,
em demonstrar a
dem até mostrar
ência.
Sigur Rós, mas
das mais "pesa-
o, e acabou por

ssantes (sobre-
onais - como os
no Jazz da Rel-
ém, no meio da
tendência para
n alto.
para um dia e



Ilha do Ermal (20, 21 e 22 de Agosto, Vieira do Minho)

O Marilyn & o gajo que era dos Nirvana

Já no fim de Agosto e enquanto se começa a ouvir falar na festa do Avante, os festivaleiros rumam ao norte de Portugal, para uma península de paisagens deslumbrantes, prontos para tomarem banho numa barragem com água morna.

É o último festival de Verão e, na sua terceira edição manteve os festejos em três dias e volta a trazer um cartaz com nomes sonantes (depois de Iggy Pop, Sisters of Mercy e Limp Bizkit chega a edição de Marylin Manson e Foo Fighters).

Para além destes dois grandes nomes as noites são recheadas de valores nacionais como Mão Morta, Da Weasel, Blasted Mechanism, Xutos e Pontapés e Mind Da Gap. Os organizadores asseguram ainda as presenças dos Feeder e Fear Factory.

Fiquem atentos a novas informações...



Festivais de Verão

Carviçais Rock (9,10 e 11 de Agosto - Carviçais)

O Rock & o Vinho

Há seis anos que o interior transmontano tem assistido ao crescimento deste festival que, na sua edição de 2001, vai contar com as actuações de, entre outros, Young Gods, Cousteau, Mão Morta, the Gift e Napalm Death, seguidas da actuação de DJ's.

E porque a música não é tudo, também estão previstas outras actividades, nomeadamente teatro, desportos radicais, gastronomia e, imagine–se, prova de vinhos (ora aqui está algo de original condenado ao sucesso!).

Os preços: 2500$00 por um dia ou 4000$00 para o passe geral.

Informações: http://www.carvicais.sbc.pt



Paredes de Coura (16, 17 e 18 de Agosto)

A malta curte bué Papa Roach e 3 Doors Down!

Era uma vez um Festival num local paradisíaco, com um anfiteatro maravilhoso que sempre primou por organizar concertos com projectos arrojados e inovadores, ora da música nacional, ora estrangeiros. Pop Dell'Arte, Mão Morta, Primitive Reason, Belle Chase Hotel, Jorge Palma, Cosmic City Blues, Smoke City, Gomez, Anne Clark, Rollins Band, Tindersticks, Divine Comedy, Flaming Lips, Mr Bungle, Walkabouts, Suede, dEUS e Atari Teenage Riot são apenas alguns dos exemplos.

A história começou a descambar com os Guano Apes e este ano temos Papa Roach, Stone Temple Pilots, Queens of The Stone Age, Morcheeba, Backyard Babes, 3 Doors Down, entre outros... O que vem demonstrar a necessidade de encher o recinto com actuações que podem até mostrar pouco de novo mas garantem, à partida, uma óptima afluência.

Estiveram agendados para este festival os islandeses Sigur Rós, mas a organização temeu uma reacção hostil dos fans de bandas mais "pesadas" perante o concerto deste projecto interessantíssimo, e acabou por cancelar a actuação.

No entanto, esperam–se alguns concertos bem interessantes (sobretudo os Stone Temple Pilots, Morcheeba e as bandas nacionais - como os Wray Gunn ou Coldfinger) e tardes muito bem passadas no Jazz da Relva junto à praia fluvial do Rio Tabuão. Esperam–se também, no meio da assistência, muitos candidatos ao ensino superior... com tendência para reacções hostis, sobretudo se as guitarras não soarem bem alto.

Quanto a preços, os bilhetes custam entre 5.000$00 para um dia e 7.500$ para os três dias.

Informações: http://www.paredesdecoura.com

Sudoeste (3, 4 e 5 de Agosto - Zambujeira do Mar)

O pó e a praia (a uns quilómetros...)

Desde 1997 a marcar um lugar de destaque no panorama dos festivais nacionais, a Herdade da Casa Branca no sudoeste alentejano tem recebido grandes nomes da música internacional como Suede, Blur, Portishead, Sonic Youth, Jon Spencer Blues Explosion, Stereolab, Massive Attack, Beck e Morcheeba, e desde cedo se cotou como um dos principais pólos de atracção de romarias festivas no Verão nacional. Atingindo um estatuto internacional (é o único festival português mencionado no site do New Musical Express), o Sudoeste parece crescer de ano para ano e nesta edição de 2001 continua a saber conjugar nomes de sucesso praticamente garantido como Placebo, UB40 e Sepultura, com os praticamente desconhecidos (mas surpreendentes) Zero 7 e Flaming Lips, moderando o caldeirão musical com nomes de culto como PJ Harvey, Stereo MC's, Goldfrapp, Ash ou Divine Comedy. O palco secundário que este ano assume a designação de "Blitz/Sic Radical", continua a apresentar as principais revelações e a tenda de dança (no dia 2 a partir das 22h e nos restantes dias do festival entre as 15h e as 4h) volta a merecer destaque.

Mas a grande mais–valia deste ano vai para o novo palco Planeta Sudoeste, destinado à divulgação da "World Music", onde se poderão assistir a prestações dos reputados Khaled, Cheikh Lo, Geoffrey Oryema e, sobretudo, Natacha Atlas.

O sinal menos desta edição vai para a fraca presença nacional no palco principal, onde apenas se pode encontrar Jorge Palma.

Quanto aos bilhetes, 7.500$00 para os três dias ou 5.000$00 para uma noite são as bases que podem ter desconto de 500$00 para os portadores de Cartão Jovem.

Informações: 800 201771 ou www.musicanocoracao.pt, www.cerveja–sagres.pt



Monção Rock (12 de Agosto)

O Irmão da Neneh Cherry e os Portugas

É mais um festival no Verão nacional, que no passado ano de 2000 contou com os Clawfinger como cabeças de cartaz, e que este ano promete encher o recinto ao som de Eagle Eye Cherry, que será precedido pelos Buena, Zen e Blind Zero e seguido de DJ's.

A terceira edição do "Monção Rock", organizado pelas associações juvenis do concelho com o apoio da autarquia monçanense, decorre no dia 12 de Agosto, domingo (Dia Internacional da Juventude), no anfiteatro do Souto.

Preço: 1000$00

Informações: http://www.cm–moncao.pt/breves.htm





Ilha do Ermal (20, 21 e 22 de Agosto, Vieira do Minho)

O Marilyn & o gajo que era dos Nirvana

Já no fim de Agosto e enquanto se começa a ouvir falar na festa do Avante, os festivaleiros rumam ao norte de Portugal, para uma península de paisagens deslumbrantes, prontos para tomarem banho numa barragem com água morna.

É o último festival de Verão e, na sua terceira edição manteve os festejos em três dias e volta a trazer um cartaz com nomes sonantes (depois de Iggy Pop, Sisters of Mercy e Limp Bizkit chega a edição de Marylin Manson e Foo Fighters).

Para além destes dois grandes nomes as noites são recheadas de valores nacionais como Mão Morta, Da Weasel, Blasted Mechanism, Xutos e Pontapés e Mind Da Gap. Os organizadores asseguram ainda as presenças dos Feeder e Fear Factory.

Fiquem atentos a novas informações...



Lá Fora...

V2001 (18 e 19 de Agosto em Hylands Park e Weston Park)

Brit pop (e não só) em terras de sua majestade

É já considerado um dos melhores festivais de Inglaterra, apresentando um modelo pouco usual. Decorre em dois locais diferentes (Hylands e Weston) e com as mesmas bandas, que alternam entre um local e outro.

Na edição de 2001, os três palcos do V Festival oferecem opções para todos os gostos, enquanto a grande maioria dos visitantes se delicia ao som dos Red Hot Chilly Peppers, Texas, Foo Fihters, Charlatans, Coldplay, David Gray, Placebo ou Nelly Furtado, no palco secundário são apresentadas as propostas tentadoras de uns Snow Patrol, Nina Parsson (a vocalista dos Cardigans a solo), Ben Folds e Divine Comedy. Há ainda um terceiro palco com alguns dos projectos mais interessantes da música contemporânea: Tricky, Grandaddy, Zero 7, Mos Def, Alabama 3, Sparklehorse, The Avalanches, Hooverphonic e Red Snapper.

Para quem estiver por Inglaterra nesta altura, vai de certeza valer a pena passar um dia ao ritmo de um dos mais interessantes festivais europeus.

Os bilhetes para um dia ficam em 38 libras, para o fim de semana oscilam entre as $66 e as $76 libras (dependendo da opção de campismo)

Informações: www.vfestival.com e www.giganstours.com



Big Chill (de 17 a 19 de Agosto, Lulworth Castle, Dorset)

Chill Out

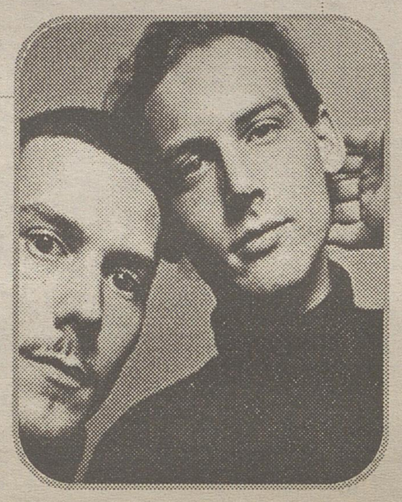
Provavelmente foi daqui que o Festival do Meco retirou ideias e inspiração. Na verdade, o Big Chill é uma das maiores celebrações das novas tendências dançáveis que se realiza à face do globo.

Se tivermos em conta que a acção se desenrola nas planícies verdejantes, em redor de um castelo onde se celebra a nova música de dança, com a instalação de uma rádio oficial, demonstrações várias, workshops, ciclos de cinema ao ar livre e um festival de spoken word intercalado com tertúlias sobre temas diversificados, somos obrigados a concluir que estão reunidos todos os ingredientes para se propiciar um momento único na vida de todos os festivaleiros.

No que toca aos concertos e DJ's de serviço, estendemos o tapete vermelho a uma iniciativa que conta com as presenças asseguradas de nomes como Kruder and Dorfmeister, Gilles Peterson, Norman Jay, Bent, Herbert, Howie B, Future Sound Of London, Kinobe, Blue States, The Bays, Jamie Odell, Simon Smugg, Mixmaster Morris, Roger Eno, Phil Asher, Nathan Haines, Amba with The Joyful Company of Singers, The Amalgamation of Soundz, Mr. Sruff, Chris Coco, Pete Lawrence, Pressure Drop, Modaji, Funky Lowlives, Afro Art, Paul Murphy, Ewan Pearson, Bigga Bush, Kirsty Hawkshaw, Minotaur Shock, Alucidnation, Lol Hammond, Neotropic, Laura B, Max Brennan, Delta T, Shur–i–Kan, The Pranksters, Mark Pritchard, Justin Adams, Eva, Treva Whateva, Gerry Lyseight, AJ e Future World.

O evento promete, mas o preço também não é meigo... qualquer coisa como 93 libras.

Informações: www.bigchill.net



Benicàssim (3, 4 e 5 de Agosto, Benicàssim, Espanha)

O maior (e melhor) festival

Nos mesmos dias do Sudoeste, a estância balnear de Benicàssin (a norte de Valência e a sul de Barcelona) prepara–se para receber mais de 100 mil peregrinos em busca do santo graal dos festivais ibéricos. Os organizadores desta sétima edição do FIB (Festival Internacional de Benicassim) garantem o melhor cartaz, as melhores condições, o maior número de actividades extra–musicais e assumem–se como obreiros daquele que é, indiscutivelmente, um dos melhores festivais da Europa.

Se bem que em tempos ainda rivalizava com o Doctor Music Festival (que habitualmente se realiza nas Astúrias mas que devido à decrescente participação de "festivaleiros" e à decrescente qualidade das propostas apresentadas, não vai contar com uma edição em 2001), hoje em dia é, indiscutivelmente, o melhor festival da Península Ibérica.

Para se ter uma ideia, esta celebração à beira mar conta com quatro palcos de espectáculos musicais, um festival de curtas metragens, um outro de teatro, passagens de modelos, mostras de artes plásticas, cursos de Verão, entre outras propostas bem deliciosas.

Quanto a bandas e DJ's, são mais de 100 nomes, dos quais destacamos Avalanches, Basement Jaxx, Belle & Sebastian, Bent, Bentley Rhythm Ace, Clinic, Divine Comedy, Fatboy Slim, Flaming Lips, Françoiz Breut, Goldfrapp, Jay Jay Johanson, Ladytron, Layo & Bushwacka, Low, LTJ Bukem, Manic Street Preachers, Mercury Rev, Migala, Mogwai, Orbital, P.J.Harvey, Pulp, Red House Painters e Stereo MC's. Haverá também tendas de dança das editoras Wall Of Sound (Mekon, Dirty Beatniks) e Ninja Tune (DJ Food, Herbaliser, Solid Steel) .

Os bilhetes para o festval custam entre 15 e 17 mil pesetas

Informações: www.fiberfib.com ou festival–benicassim.com



Andanças 2001 (de 20 a 26 de Agosto, Carvalhais - S. Pedro do Sul)

A Menina dança?

Fora dos roteiros habituais está uma das mais tentadoras propostas para um festival de Verão. Começou em Évora em 1996, mas desde a segunda edição que se transferiu definitivamente para São Pedro do Sul. No Parque do Pisão e na Cárcoda, actividades não faltam num ambiente natural com direito a acampamento no sopé da montanha.

"...O Andanças promove as danças de raiz tradicional de vários pontos do globo: desde os pauliteiros de Miranda, passando pelo samba do Brasil, mazurcas de França, tango argentino, munheiras da Galiza, saltos do País Basco, kizomba de Angola..."

`Danças de todas as formas e feitios, do Bourée à Capoeira, do Country ao Jazz, das Africanas às Brasileiras, das Búlgaras às Cabo–Verdianas, das Italianas às Galegas, do Tango ao Rock n'Roll, do Sapateado às Sevilhanas, passando pelas Tradicionais Portuguesas e chegando a outros passos mais próprios da extensa Europa, no Andanças não há motivo para se dizer: "Não gosto desta música!".

Apesar da dança ser, obviamente, o seu forte, o leque de escolhas é variados, desde a animação de crianças aos desportos radicais, vale tudo. Até aprender a cozer pão, esculpir, fiar lã, construir instrumentos musicais e passear pelo campo. Um ambiente animado por outras músicas (tradicional portuguesas e étnica de vários pontos do globo), que promete oficinas de inúmeras artès e ofícios (teatro, pintura, jogos tradicionais e canto são apenas algumas das propostas).

Este é um festival feito pelas pessoas e não feito para as pessoas. E mais do que um festival, o Andanças é um desafio constante, porque cada interveniente (há cerca de 3000 de todas as idades) escolhe o seu próprio "roteiro".

Os preços variam entre os 1000$00 para uma noite e os 14000$00 para os sete dias (com desconto de 25% para jovens até aos 25 anos), havendo ainda as opções de ficar por lá um, três, quatro, cinco ou seis dias (sempre por preços diferentes). No entanto, as famílias com dois ou mais filhos beneficiam de desconto de 50% para todos os elementos e as crianças até aos 12 anos não pagam.

A todos os interessados, informa-se ainda que podem ser voluntários por um dia e contribuir para a organização deste festival, desde que se inscrevam até 15 de Agosto, seguindo as instruções que se encontram na Internet em: http://www.pedexumbo.com.

Textos de Hugo Ferreira

Os poemas e a 'demência' na 12ª produção do Teatro do Morcego

A Natureza e a Loucura em palco

O Teatro do Morcego leva à cena, no Teatro Académico Gil Vicente, duas peças - "Homem Arbore" e "Nostrum Lenz, de 19 a 21 de Julho e de 24 a 26, respectivamente.


D.R.

O Teatro do Morcego leva a cena os mitos da loucura

"Homem Arbore" e "Nostrum Lenz", duas designações que parecem pouco revelar numa primeira leitura, mas a verdade é que 'escondem' todo um trabalho de constante exploração do corpo. São assim intitulados os dois espectáculos que correspondem à 12ª produção do Teatro do Morcego - Laboratório Oficina. Esta companhia, que se estreou em 1994 no âmbito do CITEMOR , produziu e apresentou espectáculos como "O Dependurado...", "A Passagem dos Corpos", "Línguas", ou "N.N. (Noite e Nevoeiro)" entre outros.

Altura agora para apresentar mais dois trabalhos. "Homem Arbore" parte de um texto poético com cinco estrofes, cuja dramaturgia, encenação e actuação são da responsabilidade de Liliana Rosa, tratando–se assim de um monólogo que "terá uma dimensão plástica e, a nível do actor, será um trabalho em torno de si mesmo", tal como adianta Afonso Francisco, um dos elementos do Teatro do Morcego.

A imagem da árvore é a imagem do seu tronco, folhagem, cores, mas também das suas sombras e dos perigos mortais que nela se agasalham ou escondem. Os vários tipos de árvore, definem a essência desta obra, desde a árvore–vida, à árvore–destino passando pela árvore–fatal que corresponde ao amor, engloba toda uma "descoberta dos perigos, da natureza sempre renovada pela morte, submetida fatalmente ao corpo". O desempenho da actriz é trabalhado do ponto de vista da expressividade, da criação de acções de canto, bem como da acção verbal poética e delirante.

Quanto à outra peça, com encenação e dramaturgia de José Abreu Fonseca, "Nostrum Lenz", trata–se de uma adaptação da novela de George Büchner, com inclusão de alguns textos do encenador e também com excertos do poema "O Homem Árvore", de Liliana Rosa. É representada por três actores, Anabela Nóbrega, Liliana Rosa e Valdemar Santos, em que a personagem principal é Lenz. A temática central gira em torno de um período da vida desta personagem, "em que Lenz se encontra à beira da demência, se ele a vence ou não... é uma interpretação pessoal, uma questão que fica ao critério de cada um", revela Afonso Francisco. O espectador é assim livre de decidir e ter uma opinião.

É um texto denso, em que a encenação vive do jogo dos actores. Lenz é 'sacudido' por misteriosas forças como o vento, que sopra o seu nome, horizontes uivando, é assim todo um mundo convertido em campo de sinais. Nesta peça é abordada a loucura através de instrumentos como o corpo, a voz, a capacidade de criação de imagens; da loucura extraiu Lenz uma poderosa sabedoria: que ambas, sabedoria e loucura, foram no seu caso obreiras e obra uma da outra.

A loucura é, pois, o tema central de coesão, "quisemos organizar uma viagem de prospecção teatral às visões da 'demência' ", declara a companhia de Teatro. Há assim um certo fio condutor entre as duas peças, já que a temática da loucura está também subjacente na "Homem Arbore".

A produção afirma que se trata de um "espectáculo densamente coreografado, que tenta tirar partido de todos os recursos e competências dos actores, com uma iluminação cuidada e uma banda sonora original. Em palco, entre outras coisas, há um elemento comum às duas peças: uma árvore; sendo usado o recurso ao fogo na "Nostrum Lenz", no final da peça há uma série de elementos que entram em combustão.

Afonso Francisco, confessa ainda que esperam e gostavam de ter uma boa aceitação por parte do público, apesar de saberem que "esta não é uma boa altura do ano, pois não se encontram muitas pessoas em Coimbra", mas acrescenta que vale sempre a pena ir ao teatro.

Sílvia Matos

Sonoridades da lusofonia

A abordagem teatral da literatura em língua portuguesa encontra palco em Coimbra

Na última semana deste mês, a "multiculturalidade" da expressão lusófona imprime o seu encanto universal através de um quarteto de espectáculos.

A Cena Lusófona alvitra uma variedade de espectáculos marcados pelo som "policromático" imanente na comunidade da lusofonia. O ponto comum destas propostas teatrais é o peso da palavra oral, da palavra viva, numa abordagem de novas sonoridades. Para tal os grupos intervenientes vão agir sobre os textos de diversos autores - desde Almeida Garrett a Vitorino Nemésio, passando por Mia Couto e Sophia de Mello Breyner, a par de outros vultos da literatura em língua portuguesa.

Um total de quarto espectáculos teatrais vai servir de lenitivo para o calor estival, providenciando um outro tipo de calor - o calor da miscigenação cultural. Com efeito há histórias para agradar a gregos e a troianos, pois a presença de diversos grupos de teatro garante, no mínimo, múltiplas estéticas e estilos de expressão. Contudo, o tema central destas propostas gira sempre à volta da comunicação humana, nas suas vertentes culturais e sociais.

Assim, nos dias 23 e 25, sobe ao palco do Teatro estúdio da Bonifrates a peça "À Volta da Língua", uma experiência sonora que age sobre textos de Almeida Garret, Carlos Drummond de Andrade e Ruy Belo, entre outros. Com encenação de Carlos do Rosário, a reinvenção da língua portuguesa será o ponto de partida para elaborar novos ambientes sonoros.

Para os próximos dias 26 e 27, a Arte Pública de Beja exibe "Xtórias" na Escola da Noite. Segundo os promotores, este constitui um entrançado lúdico, desenvolvido em Moçambique, que procura indagar sobre o mistério da tradição do conto oral. A base deste texto são os contos recolhidos no Baixo Alentejo e no povo Maconde, do Norte de Moçambique.

Em seguida e no mesmo espaço físico, a Bica Teatro cruza "o universo urbano e rural, com a memória dos tempos, da poesia..." numa homenagem à tradição oral que marca a cultura africana em geral. "Karingana" é o título deste espectáculo dinamizado por três actores e que pode ser visto nos dias 28 e 29 de Julho. Luís Carlos Patraquim é o dramaturgo que dirige esta encenação do poema "Karingana Wa Karingana" de José Craveirinha (Prémio Camões há dez anos).

Em último lugar, o Teatro Meridional leva ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente "Mar Me Quer", um conto de Mia Couto. Este espectáculo será a sua segunda adaptação apresentada este ano em Coimbra, após a encenação de "A Varanda do Frangipani" no dia mundial do teatro, a 27 de Março.

Para esta associação teatral, esta insistência nos textos do escritor moçambicano é visto como um modo de ultrapassar "a tendência de categorizar um texto como sendo 'não teatral'". O porquê da sua escolha também se prende com o carácter eminentemente humano desta pequena pérola, que lhes permite "beber das suas personagens a ternura e a fragilidade" bem como explorar um texto "que flui na linguagem das emoções".

Falando um bocado sobre o enredo, temos os vizinhos Mulata Luarmina e Zeca Perpétuo. Entre estes esconde–se um segredo tão subtil quanto as suas emoções e pensamentos. No seu dia–a–dia quase rotineiro de conversas mansas e propostas recusadas, digladiam–se entre a vontade e o medo. A vontade de tudo revelar e assumir uma relação plena e o medo de que as revelações possam negar–lhes a companhia mútua. Este é o barro sobre a qual o Teatro Meridional vai modelar a sua abordagem de "Mar Me Quer".

Este é o último dos espectáculos promovidos pela Cena Lusófona e está integrado na sua proposta de "PRÁTICAS cénicas interculturais" para a última semana deste mês. Os promotores esperam, assim, "oferecer quatro olhares teatrais que têm em comum a miscigenação cultural na comunidade lusófona".

Helder Silva Dantas

MAFIA - Federação Cultural de Coimbra formaliza–se

União de esforços

No passado dia 11 de Julho, o Teatro Académico de Gil Vicente foi o palco escolhido para a constituição da MAFIA (Movimento de Associações Federadas de Intervenção Artística). O objectivo é a criação de um modelo de resolução dos problemas das cinco associações que a constituem.

Todas nascidas depois de 1995, em Coimbra, as cinco associações culturais e artísticas - "Camaleão", "Encerrado para Obras", "Marionet", "projecto BUH!" e a "Trampolim" - apesar de terem todas elas projectos artrísticos diferenciados e autónomos dentro das actividades do teatro, dança, imagem, e música, resolveram reunir esforços.

Segundo o documento de apresentação, "a união destas associações numa meta–estrutura de logística cultural promete concentrar as diferentes actividades dos grupos e melhorar o rendimento dos seus trabalhos - "Como uma lupa que agarra e amplia o brilho de cada uma das estruturas e da cidade de Coimbra".

Durante a escritura notarial, cada um dos representantes das Associações falou do seu próprio grupo e das espectativas e objectivos comuns que têm em relação à federação. Mário Montenegro, um dos fundadores da "Marionet", explicitou como objectivo desta união "a necessidade de colmatar problemas que nos têm aparecido enquanto associações culturais".

A procura de espaços (salas de trabalho e de apresentação de espectáculos) e equipamentos técnicos é o que lhes põe os maiores problemas. Assim, a Rua João Castanheira, nº18 serve como morada provisória deste organismo, enquanto não se estabelecer sede definitiva. "Estamos confiantes no futuro, especialmente aqui na cidade de Coimbra", acrescenta ainda Mário Montenegro.



O grupo de teatro Marionet é uma das associações que integra o projecto MAFIA

Ricardo Seiça do "projecto BUH!" entende a MAFIA como espaço "aberto e receptivo a futuros grupos interessados nos aproveitamento das sinergias já existentes no organismo. José Geraldo da Associação "Camaleão" salientou, no entanto, a autonomia e a diferenciação entre cada um dos grupos. Elsa Aleluia disse ainda que, a nível técnico, as associações que trabalham o teatro têm sempre problemas com a iluminação, que pede sempre uma montagem antecipada.

Apoios institucionais

Teresa Portugal, vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra presente na formalização da MAFIA, tem mantido desde há algum tempo encontros com a federação no sentido de dar resposta aos apoios solicitados. Adiantou que todos os espaços municipais estão abertos para a realização de espectáculos. "O que terá que se providenciar é uma gestão atempada, para que todos possam trabalhar e fazer valer os seus projectos". Teresa Portugal referiu ainda que o espaço onde funciona actualmente a Oficina Municipal de Teatro poderá ser disponibilizada, caso seja necessário, para sede administrativa da MAFIA. Quanto às perspectivas para um espaço de ensaio comum, os Bombeiros Voluntários da Sá da Bandeira é umas alternativas mais viáveis.

Para além das infraestruras, a MAFIA já estabeleceu contactos com a Delegação da Cultura do Centro quanto ao apoio em material técnico.

Após o acto de formalização da MAFIA e em exclusivo para A CABRA, Mário Montenegro e Ricardo Seiça reafirmaram as pretenções da Federação: "O nosso objectivo prioritário é encontrar espaços de ensaio e até mesmo de espectáculos". Quando questionados pela possibilidade de futuros apoios financeiros, não quiseram adiantar muito dado a sua constituição ainda estar em fase embrionária.

Como enunciado no discurso de apresentação: "E agora, meus senhores, o pano vai subir..."

Manuel Eduardo

"Naufrágios"

SESLA edita Antologia

A SESLA editou no passado mês de Junho a sua primeira antologia de poesia e contos. Estudantes universitários vêem assim editados pela primeira vez os seus trabalhos literários. Em conversa com elementos da Secção de Escrita e Leitura (SESLA), ficou a ideia de que os estudantes lêem pouco. A falta de espaços de dinamização cultural e o desinteresse das editoras são as principais lacunas nomeadas

Foi em cooperação com a editora Alma Azul, no entender do presidente da secção Rui Silva a mais aberta e ávida à publicação de obras de novos autores, que a secção deu a conhecer ao público uma panóplia de "criações" dos estudantes universitários de hoje.

Esta antologia é o resultado de um concurso literário aberto a estudantes de várias universidades do país no âmbito da poesia e conto.

O júri do concurso foi constituído por Maria de Fátima Silva (Pró-reitora da Cultura); José Carlos Seabra (Faculdade de Letras); Aníbal Pinto de Castro (director da Biblioteca Geral); António Pedro Caeiro (Faculdade de Direito) e por último, Elsa Ligeiro (directora da editora Alma Azul). O prémio consistiu na edição desta antologia, reunindo as obras previamente seleccionadas segundo a originalidade e criatividade do autor.

Esta obra concretiza um dos objectivos da SESLA: incentivar e dar visibilidade a novos autores.

No entender dos responsáveis, a produção e criação literária da cidade e universidade é bastante limitada, apontando como principais entraves as exíguas infraestruturas de que dispõem, tanto ao nível da sala da secção como dos edifícios de apoio ás actividades da cidade, não esquecendo a escassez de apoios por parte da entidade autárquica e editoras. Em relação ao Pelouro da Cultura da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra, os apoios revelam–se insuficientes para levar a cabo as iniciativas da secção, nomeadamente a publicação bimensal de uma revista - projecto que já vem desde a criação deste organismo - que iria reunir as obras dos estudantes universitários. Curiosamente, a entidade que mais financia os seus eventos culturais (como recitais de poesia, feiras do livro) é a Reitoria da Universidade de Coimbra e os Serviços Sociais da Universidade de Coimbra. Nas palavras do presidente, a actual Pró-reitora da Cultura, Maria de Fátima Silva, demonstra mais empenho em incentivar a criação e produção literárias dos discentes, já que quando da realização de um questionário, se verificou que os estudantes lêem pouco. Para surpresa dos dirigentes, os alunos de Medicina são aqueles que mais interesse mostram pela leitura, assim como os de Engenharia. Paradoxalmente ás expectativas, os alunos da Faculdade de Letras revelam–se os menos interessados na leitura de livros exteriores aos curricula do curso em que se integram.

Mas se os estudantes lêem pouco como incentivar os estudantes à leitura? No entender do Rui Silva e da Ana Paula urge promover feiras do livro com maior regularidade - com preços especiais para os estudantes, realizar mais declamações de poesia, sobretudo de obras de autores portugueses e criar edifícios de índole cultural a fim de permitir uma melhor requisição dos mesmos, já que actualmente usufruem, essencialmente, do Centro Cultural D. Dinis.

A secção tem já agendada para o início do próximo ano lectivo a publicação de uma Antologia de contos (desta vez editada pela Coimbra Editora), produto de mais uma criação do mundo universitário.

Helena Marques

Exposições

"TAGVida" - Apontamentos fotográficos da temporada 2000/2001, de Paulo Abrantes

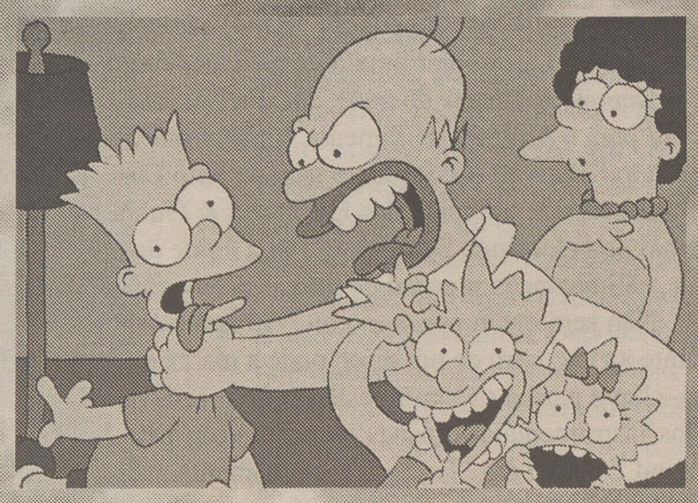
TAGV até 29 de Julho

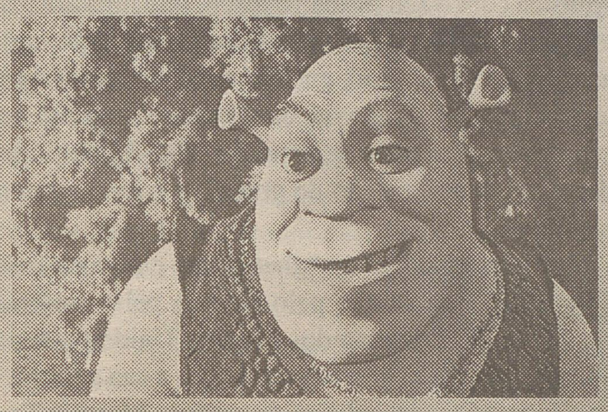
"Ao redor de Coimbra" - O Projecto Dias de Coimbra

Sala da Cidade, Refeitório de Sta Cruz até 31 de Agosto

Pinturas de Rui Gaspar

Pronto-a-vestir "Nova Rampa", Carapinheira, Boletã





Cinema

Cinemas Millenium

"Pearl Harbor" - de Michael Bay

14h00, 17h30, 19h15, 21h00 e 0h30

"Pecado Original" - de Michael Cristofer

14h30, 17h00, 19h30, 21h50, 0h15

"Shrek" (Versão Portuguesa) - de Andrew Adamson e Vicky Jenson

14h15, 16h15, 18h15, 20h00, 22h00, 0h00

Castello Lopes

"Pecado Original" - de Michael Cristofer

14h45, 17h00, 19h15, 21h45

"Pearl Harbor" - de Michael Bay

14h30, 18h00, 21h30

Teatro

"Mar Me Quer", pelo Teatro Meridional

TAGV - 30 e 31 de Julho, 21h45

"Karingana", pela Bica Teatro

A Escola da Noite - 28 e 29 de Julho, 22h00

"Xtórias", pela Arte Pública

A Escola da Noite - 27 e 28 de Julho, 22h00

Televisão

3º Calhau a Contar do Sol

Segunda a Sexta na RTP2, às 18h00

Os Simpsons

Segundas na RTP 2, 21h15

Jazz a Preto e Branco

Sextas na RTP2, 0h20

Benny Hill

Segunda a Sexta na RTP1, às 21h05

Rita Catita

Segunda a Sexta na RTP1, às 16h30



Música

Clã

26 de Julho, Praça 8 de Maio, 22h00

Grupo de Fados "Guitarras do Mondego"

31 de Julho, Praça 8 de Maio, 22h00

artes



OUVE-SE

O segundo fi(lh)o de Nylon

Pouca gente desconfia mas a verdade é que existe um pequeno nicho em Portugal de inovadoras convulsões estéticas nos campos das sonoridades electrónicas mais balanceadas - com um ligeiro passo dianteiro e pedagógico e a certeza do trilho firmado como cadastro. Tome–se o caso da editora Nylon, que sempre que dá à luz um novo registo faz soprar uma leve brisa nas orelhas do ouvinte...

Depois do longa duração dos Precyz, surge, finalmente, igual obra para o projecto de Pimenta, homem que conta no seu currículo com trabalhos de produção ao lado de Arto Lindsay e Andrés Levin, a remistura de um tema dos Up Bustle & Out, a inclusão de um original na colectânea DJ Kicks - sob a égide dos Nightmares on Wax - e a alimentação musical de outros alter–egos.

Não será então por acaso que tão apreciável percurso leve o ouvinte ao encontro de um disco onde a marca do produtor é ferramenta–chave para a expansão estética dos seus horizontes. A estrutura dos instrumentais - apenas interrompidos pelo hip hop de Ace dos Mind Da Gap em "E..." - é extremamente suja e densa (mas nunca barroca) havendo um equilíbrio tenso entre as componentes electrónica e orgânica. Os ruídos frios e os espasmos eléctricos são elevados ao estatuto de melodia, sendo posteriormente, estudados e manipulados de forma saudável e em conformidade com os demais instrumentos convencionais.

Um registo coeso mas estranho às primeiras escutas, tendo como objectivo primordial o levantar a ponta do véu sobre a possibilidade do futuro poder escrever–se em português.

Rui Caniço

Type



"Type"
Nylon (2001)



A_MINHA_NET

muitas imagens, algumas imagens, uma imagem

Muitas imagens do fotógrafo Piotr Jaxa podem ser observadas em

www.jaxa.com

Aqui ficamos a conhecer um pouco do trabalho deste fotógrafo, responsável pela assistência fotográfica em Azul e Branco e director de fotografia de Vermelho, a trilogia de Krzysztof Kieslowski. No sítio de Jaxa encontramos a imortal imagem de Irène Jacob, que serve de cartaz ao filme Vermelho. Somos ainda levados a uma visita por uma exposição itinerante que Jaxa promove, chamada Remembering Krzysztof. Para além destas imagens, muitas outras galerias nos são oferecidas, valendo a pena a visita. Para observar a beleza e a leveza de um grande trabalho fotográfico.

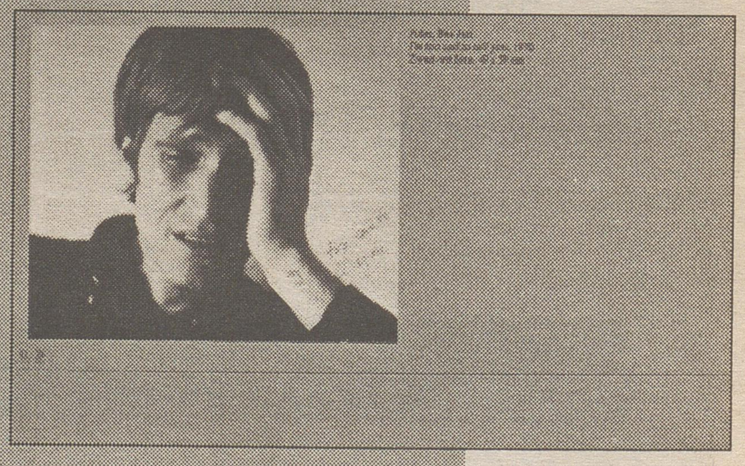


Algumas imagens de Daniel Blaufuks podem ser descobertas em

www.ip.pt/blaufuks

O sítio apresenta–nos uma pequena parte da obra deste autor, que em Coimbra expôs há três anos a sua Viagem a São Petersburgo, nos Encontros de Fotografia. Para além desta viagem, destaque para as imagens de A Terra É Azul Como Uma Laranja e, claro, para os London Diaries, um diário desenhado com polaroids e lápis. Indispensável a visita para compreendermos que estamos em presença de um autor com um estilo vincadamente próprio, para compreendermos os seus trabalhos mais mediáticos e a mestria com que lida com a cor: o trabalho fotográfico de O Paraíso, dos Madredeus, de Primavera dos Destroços, dos Mão Morta e a sua primeira curta metragem, excelente por sinal, chamada Black And White.

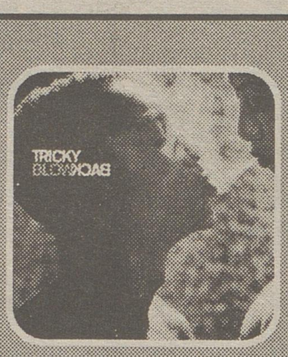
Uma imagem de Bas Jan Ader encontra–se em



boijmans.kennisnet.nl/onderw/thema/emoties/emo8b.htm.

Este autor holandês, desaparecido no alto mar em 1975, criou um dos mais enigmáticos auto–retratos que a fotografia conheceu. Chama–se I'm Too Sad To Tell You e mostra–nos o próprio Ader fotografado num melancólico choro. A imagem foi enviada com a nota que a emoção aí retratada era verdadeira, sem que contudo se explique o seu porquê. Cabe–nos a nós descobrir, talvez...

Eduardo Brito



Tricky

"Blowback"
Anti/Epitaph (2001)

Chegar ao poder e... subverter

O menino prodígio do trip-hop de Bristol (que ajudou os Massive Attack a alcançar o estatuto de culto no início da década de 90) mudou definitivamente a música com o seu primeiro disco, que intitulou de MaxinQuaye em homenagem à sua mãe. Elogiado por todos e gerando expectativas de uma carreira conciliadora entre o universo "underground" e o da grande indústria musical, Tricky lança–se num mergulho ao universo das trevas em dois capítulos; o esplêndido "Pré–Millenium Tension"(o segundo disco ainda em "estado de graça") e o incompreendido "Angels With Dirty Faces".

Explorador do hip hop, com raízes no "ghetto" rap e no rock mais pesado, desde cedo assumiu a sua paixão pelo blues e pelas sonoridades negras do soul e do gospel. O universo dos Estados Unidos estava presente no seu imaginário e em plena guerra aberta com a sua editora, e depois de uma separação da sua companheira de sempre Martina Toopley Bird, reúne forças com DJ Mugs e Grease para o "quase–flop" "Juxtapose".

O bloqueio ciativo não advinhava solução possível para a saída da sua própria espiral hipnótica. Tricky tentava exorcizar os seus fantasmas ao longo de discos que iam prolongando uma viagem para a auto–destruição e já não conseguiam surpreender verdadeiramente.

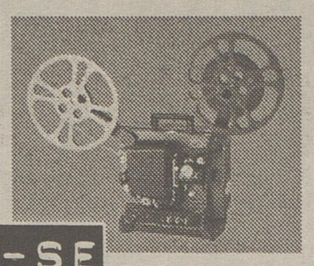
Blowback traz–nos de volta o Tricky capaz de compor hinos com a força, a melodia e a sensualidade que caracterizava MaxinQuaye.

Diz que acordou para a vida, que sabe o que quer, chegar à MTV, às rádios, aos tops, enfim, chegar ao poder... para o subverter, porque não vale a pena continuar a lutar do lado de fora e este é o seu presente pop/rock com o embrulho perfeito (temas que contam com os Red Hot Chili Peppers, Alanis Morrisette, Cindy Lauper e Ed Kowalczyk, vocalista dos Live) e o recheio conspirador e subversivo onde Tricky não contraria as suas raízes e os seus princípios.

Aconselha–se uma corrida às discotecas até porque a primeira edição, em digipack deslumbrante, inclui dois temas extra... o génio regressa com um disco viciante e obrigatório.

Hugo Ferreira

Feitas



"Pearl Harbor" - Michael Bay (2001)



"Muito Barulho por Nada" é o que me vem à cabeça depois de sair do último mega–sucesso do co–produtor Jerry Bruckheimer. Utilizar o título de uma peça de Shakespeare para classificar "Pearl Harbor" afigura–se como um sacrilégio, mas felizmente o único ponto em comum entre os dois produtos culturais (um muito mais do que o outro) é o de serem ambos tragi–comédias. Apetece adulterar a célebre frase de Horace Walpole: "O filme é uma comédia para os que pensam e uma tragédia para os que sentem".

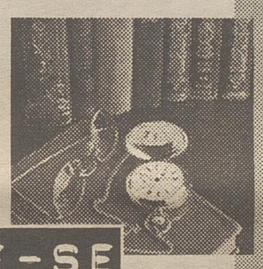
O dia 7 de Dezembro de 1941 é o dia do ataque japonês a Pearl Harbor. Este ponto de viragem na Segunda Guerra Mundial já foi abordado em várias obras cinematográficas. Porém, sem a previsibilidade entediante desta versão. Mais de 3 mil pessoas morreram no ataque histórico. E não me parece que a sua memória tenha sido homenageada, como o próprio realizador quer fazer crer. As suas pretensões épicas apenas constituem "fogo–de–artifício", numa preocupação patológica mais pela forma do que pelo conteúdo.

Antes de mais, peço desculpa pela quantidade de derivados da palavra "bomba". O filme não dá para mais conteúdo linguístico do que isso. O maestro desta "Sinfonia da Explosão em G maior, Op. 5" compôs um verdadeiro hino barroco da guerra, do amor e da coragem. O cinema em G(randeza) maior bem agradece Michael "pipoqueiro" Bay por ter prolongado os ecos da megalomania que tem agraciado os ecrãs do mundo ocidental. A sua realização corre ao sabor das detonações redundantes, com rasgos de pieguice ultra–romântica a lembrar Soares dos Passos no seu melhor. Chega a ser emético, pois os protagonistas possuem a densidade psicológica de um troglodita.

O argumento de Randall Wallace (também argumentista de "Braveheart") é eclipsado pelos efeitos "especiosos", pois o fio narrativo do filme é tão plausível quanto o mito de D. Sebastião. Os protagonistas desta "magnus opera" são Rafe (Ben Affleck), Danny (Josh Hartnett) e Evelyn (Kate Beckinsale) no já mais que habitual triângulo amoroso americano. A primeira parte do filme trata do "aprofundamento" das relações entre os três, que se entre–apaixonam "porque sim!". Esta sua cruzada inocente em direcção ao "coup de main" bombástico é pejada de lugares–comuns. Exemplo primoroso desta vertente do filme são os diálogos, tão obtusos quanto as falas das telenovelas mexicanas. Depois temos o ataque japonês em si, com os responsáveis pelos efeitos especiais a fazerem apostas entre si para ver quem é que criava a maior explosão. E por último, um terceiro "andamento" com ar pseudo–catártico, desnecessário e forçado. Aqui, a vingança serve–se fria, mas os bombardeamentos que se seguem apenas servem para queimar tempo.

Com este e muitos outros filmes, substituiu–se a beleza da "sétima arte" pelo fedor do "reino das pipocas". "É apenas um filme", riposta Michael Bay. Sim... E os mortos da tragédia de Oklahoma foram apenas "danos colaterais", à luz da teoria de Timothy McVeigh.

Helder Silva Dantas



"O Quinteto de Buenos Aires" *Manuel Vázquez Montalbán* *(ed. Caminho)*

Manuel Vázquez Montalbán, oriundo de Barcelona, é um dos escritores espanhóis contemporâneos mais divulgados da actualidade. Romancista, jornalista, ensaísta, cronista, autor de livros de culinária, a sua obra conjunta foi premiada em 1995 com o Prémio Nacional das Letras Espanholas. Pepe Carvalho é a sua mais célebre personagem, criada há já vinte e cinco anos. Trata–se de um detective arguto e irónico, excelente gourmet, habituado a lidar com as extravagâncias alheias e com as suas próprias (por exemplo, tem o estranho hábito de queimar os livros de que mais gosta).

Pepe Carvalho ingressa, em "O Quinteto de Buenos Aires", no mundo argentino (como será posteriormente definido, um não–lugar). Deixando por resolver toda a sua vida em Barcelona, a sua cidade de eleição, Carvalho descobrirá (?) uma cidade onde tudo parece ter ficado também por resolver. "De Buenos Aires verei tudo com mais clareza", pensa o investigador, mas a verdade é que nada será muito claro na grande capital sul–americana.

Buenos Aires será apresentada como um espaço onde as personagens do livro buscam a sua identidade, suspensa há vinte anos, e se procuram umas as outras. É, aliás, em busca de um primo desaparecido, Raul Touron, que Carvalho se dirige à capital argentina. Na senda desse homem, relacionar–se–á com todos o que o cercam, que formam, no seu conjunto, um reflexo da passagem dos tempos no país. Muitas dessas personagens representam forças significtivas da história recente da Argentina. Assim, para concluir a sua investigação, e para conseguir entender o ambiente em que vive, o detective terá de se haver não só com os protagonistas deste tempo, mas com o passado que neles ainda vive.

É curioso, neste tempo em que na literatura se reflecte como nunca a questão da identidade, perceber que Carvalho não encontra algo que o defina perante este novo país. Mesmo a forma como é apelidado (na Argentina, os espanhóis são todos conhecidos como "galegos") indica o desenraizamento a que ninguém escapa ao longo do livro. A própria Argentina não pode escapar, aos olhos do "galego", a estereótipos: para Carvalho, como para todos os que a não conhecem, falar da Argentina equivale a falar de tango, de Maradona, e de desaparecidos. Com o passar do tempo, este país torna–se mais próximo mas ainda não oferece respostas: "há muitas possíveis e reais Argentinas. Quem pode falar em nome dessas totalidades tão complexas?"

Na realidade, a identidade dos que se cruzam nesta história foi, mais do que perdida, vítima de abuso: a mulher de Raul, com quem Carvalho inevitavelmente se relacionará, viu–se obrigada a assumir o posto de outra pessoa; Raul tem de esconder o seu nome; a filha de ambos foi raptada e criaram para ela uma outra identidade. E todos os demais terão algo a esconder, a proteger, nas suas vidas.

Ainda assim, ao longo da obra, as diversas personagens criam ligações entre si e torna–se admissível pensar num futuro em que seja possível lutar contra essa perda de identidade através desse encontro de alteridades. Assim como será possível pensar uma nova Argentina, voltada para o futuro, mas capaz de integrar a sua memória.

Montalbán segue o percurso de Carvalho com algum humor, ao longo das quase quinhentas páginas do livro. Entre o caso de Raul, o primo desaparecido, introduzem–se alguns outros casos, não directamente com ele relacionados, mas que com ele se cruzam. É, pois, possível, seguir diferentes fios, que ajudam a sustentar o caso principal, e contribuem, paradoxalmente, para uma ideia do vazio que acompanha a visão que o autor apresenta da Argentina.

Gonçalo Duarte



Ficha Técnica

Director: Bruno Ferreira **Director Adjunto:** Sérgio Alves **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Paginação:** Bruno Ferreira, Rui Justiniano, Sérgio Alves **Editores:** Cecília Santos, Helder Dantas **Redacção:** Ana Laura, Cristina Rodrigues, Eduardo Brito, Emanuel Graça, Filipe Vicente, Hugo Ferreira, Joana Flôr, João Vaz, José Carlos Santos, Leonor Tato, Manuel Eduardo Rodrigues, Márcia Oliveira, Maria João Lopes, Mário Guerreiro, Nuno Dias, Pedro Correia, Rui Caniço, Sílvia Matos, Tiago Marques **Colaboradores:** Ana Maria Barros, Angela Neves, Anselmo Câmara, Fernando Nunes, Pedro Ramos, **Fotografia:** Eduardo Brito, Nuno Curado, Pedro Correia **Publicidade:** Pedro Correia: 938630934/ 239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.



Pedagogia?

"O exercício das funções docentes, mormente no ensino universitário, está sujeito à apreciação crítica dos alunos. E se essa apreciação é negativa em relação a determinados professores, que se considera não terem jeito para a docência, os alunos têm o direito de o afirmar."

Acórdão do Tribunal da Relação do Porto, 30 de Maio de 2001

No passado dia 30 de Maio, o Tribunal da Relação do Porto confirmou, em segunda instância, a legitimidade que os estudantes, e particularmente os seus órgãos representativos, tinham e têm para questionar o desempenho pedagógico dos professores. Este Acórdão, que surge na sequência de um diferendo que opunha um grupo de estudantes da Faculdade de Belas Artes do Porto e professores da disciplina de Geometria Descritiva do mesmo curso, pode ser considerado como uma vitória sem precedentes no âmbito do ensino universitário ou, simplesmtente, como o merecido reconhecimento que no ensino, em geral, não pode ser concebível um sistema de avaliação que funcione num só sentido.

No primeiros dias do mês de Junho foi publicada a pauta com os resultados do exame de segunda chamada da cadeira de Economia e Finanças Públicas, do 2º ano do curso de Direito da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Dos 89 alunos que se haviam inscrito para este exame, 85 foram excluídos (tiveram uma nota inferior a 6 valores, portanto) enquanto que os restantes, autênticos privilegiados no meio da hecatombe, conseguiram (a muito custo, suor e lágrimas) uma nota què os permitiu ir a oral. Perante um resultado desta natureza, além do sorriso amarelo dos muitos que não viram um único número com dois algarismos numa pauta com 89 nomes, existem uma série de suposições que somos, obrigatoriamente, levados a arquitectar. Provavalmente, nenhum dos alunos inscritos tinha capacidade ou o capital de conhecimentos necessário para ter uma classificação positiva no exame; provavelmente a responsabildade terá, uma vez mais, que ser atribuída aos alunos que, incompreensivelmente, não trabalharam o suficiente para apreender a plenitude dos conteúdos necessários à aprovação na discilina; provavelmente estaríamos perante um exame tão complexo que só um perito em engenharia financeira conseguiria cumprir, na totalidade, os critérios exigidos pelos docentes.

Oscar Wilde escreveu que "só seremos verdadeiramente estúpidos no dia em que nos deixarmos conformar perante aqueles que se afirmam detentores de todas as certezas". E é por isso, e pela sustentação jurídica que a questão agora tem, que não deixará de ser legítimo questionar se neste caso,os alunos da disciplina de Economia e Finanças Públicas não terão o direito de se pronunciar sobre a capacidade e a competência pedagógica daqueles que a leccionam; se não terão o direito de confrontar directamente os seus professores com um resultado que não prejudica mais ninguém senão os próprios alunos; se não têm o direito inalienável de afirmar inequivocamente que a responsabilidade por um resultado desta natureza não pode nem deve, jamais, ser atribuído exclusivamente aos alunos.

Sérgio Alves



Foram dois anos, 19 jornais, 57 mil exemplares, 1140 mil páginas, infindáveis horas fechados numa sala de 15 por 6 passos, muitos cafés, muitas pessoas interessantes, outras menos, muitas preocupações, muitas alegrias...

Sim, foi assim e vai ficar melhor. Este fim de ciclo faz–nos relembrar que este jornal foi, e será, uma das testemunhas de tudo quanto se passa nesta academia, nesta universidade e nesta cidade. É com esta certeza que, ao deixar o grupo que dirigiu este jornal nos últimos anos, confio que contribuímos para que cada estudante fosse um melhor elemento desta academia, para que cada professor tivesse mais consciência das dificuldades sentidas por quem está a ensinar.

Tentámos, e espero que tenhamos conseguido, alertar para certos acontecimentos menos claros, denunciar uma certa atitude "nacional–porreirista" que existe nesta Associação Académica de Coimbra, atitude essa que faz com que interesses pessoais se sobreponham ao interesse comum. Apesar de tudo isto não fomos actores, fomos relatores...

Ao partir, fico com receio que muitas destas situações obscuras continuem a acontecer, mas tenho a certeza que o Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA continuará a ser o garante democrático desta associação.

Este foi, é, e será o jornal dos estudantes, o jornal dos que o fizeram e o jornal dos que o irão fazer...Mas será para sempre o meu jornal, da minha Associação Académica de Coimbra...

Bruno Ferreira

Estações assumem "nova cara"

O presidente da Câmara Municipal de Coimbra vai finalmente realizar o seu sonho de 12 anos: consolidar a união entre o rio Mondego e a cidade. Manuel Machado recebeu na passada Sexta–feira e Sábado, o primeiro-ministro António Guterres na apresentação do projecto "Estações com Vida". Este plano de requalificação urbana passa pela remodelação da Estação Nova e de Coimbra B, transformando–as em centros de lazer e comércio, com pendor cultural.

Para a Estação Nova, prevê–se um espaço cultural denominado Fórum Miguel Torga, composto por um centro de convenções e um pavilhão multi–usos com espaço comercial. Esta modernização surge como corolário da criação de um Teatro Municipal neste espaço, ideia que já conta com alguns anos de maturação.

Na estação ferroviária de Coimbra B, os responsáveis políticos ambicionam a construção de um centro polivalente de desportos, a sede da futura Metro Mondego, as novas instalações dos Serviços Municipais de Transportes Urbanos de Coimbra (SMTUC) e um estacionamento com lugar para 2500 viaturas.

Chegando de comboio Alfa, o chefe do executivo nacional fez–se acompanhado do ministro do Equipamento Social, Ferro Rodrigues, para a apresentação deste ambicioso projecto, cujo investimento total atinge os 18 milhões de contos.

Depois de visitar as obras em curso da Ponte Europa, do Pátio da Inquisição (futuro Colégio das Artes) e do Mercado D. Pedro V, António Guterres traçou um quadro optimista para o futuro de Coimbra. Em entrevista ao "Diário de Coimbra", o primeiro–ministro classificou o projecto "Estações com Vida" como a "coluna vertebral" do desenvolvimento nacional, através do investimento em 13 cidades médias pelo país fora. Contudo, a oposição política local reagiu aos propósitos do projecto com algum cepticismo, classificando-o como uma medida eleitoralista.

A requalificação da zona ribeirinha do Mondego constitui um esforço entre a autarquia e a Refer, que irá ceder a posse desta zona, conjuntamente com a CP. Este empreendimento será levado a cabo nos próximos três anos, esperando–se a sua conclusão a tempo de Coimbra receber o Euro 2004.

Os dois dias de visita do primeiro–ministro serviram também para contactar com a direcção do Hospital Pediátrico e os responsáveis do projecto "Capital Nacional da Cultura", confirmando–se a aposta nestes compromissos.

Helder Silva Dantas

